

Ler, Criar, Pertencer: “Nossa biblioteca, nossa história”

Pés descalços, barriga vazia e a vida ensinando cedo demais que sobreviver vinha antes de qualquer sonho. Eu não cresci escolhendo caminhos — cresci desviando de buracos. Filho de mãe doméstica e pai lavrador, o futuro não era plano, era ausência. Era o hoje gritando mais alto que qualquer possibilidade de amanhã.

Naquele tempo, ser escritor não era nem sonho impossível — era inexistente.

Mas a vida tem um jeito estranho de plantar sementes em terreno seco.

A escola Afonso Pena era um desses raros lugares onde o peso da vida diminuía um pouco. Ainda sinto o cheiro do álcool nas folhas mimeografadas, a ansiedade pela merenda que muitas vezes salvava o dia, e a voz dos professores que, sem saber, abriam frestas num mundo que parecia não me pertencer.

Foi ali que eu aprendi a ler.

Ler... sem entender ainda que aquilo era mais do que juntar palavras. Era, na verdade, a primeira chave.

Mas eu não sabia usar.

As notas eram ruins, o interesse era pouco e a vida lá fora parecia sempre mais urgente. Até que apareceu quem enxergou o que nem eu via: a professora Docarmo. Quando eu já tinha desistido de mim, ela fez o contrário — insistiu.

Me deu uma tarefa: ler *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Não era só um livro.

Era um espelho.

Cada página parecia contar a minha história antes mesmo de eu saber escrevê-la. A fome, o silêncio, o cansaço de existir... estava tudo ali. Pela primeira vez, eu me senti visto. Pela primeira vez, eu percebi que minha dor não era invisível — ela só ainda não tinha sido dita por mim.

Ali, sem perceber, eu comecei a criar.

Mas a realidade não muda só porque a gente descobre um livro.

Rio Vermelho ficou pequeno demais para tanta necessidade. Eu fui embora, como quem foge, como quem tenta encontrar um lugar no mundo. São Paulo não me recebeu — me testou.

E eu falhei muitas vezes.

A cidade ensinou sem paciência: quem não tem estudo paga caro. E eu paguei. Dormi na rua, senti a fome de verdade, encarei o frio que não perdoa. Não era mais metáfora, não era mais literatura.

Era sobrevivência crua.

Quase fui mais um que ficou pelo caminho.

Mas quando a vida abre uma fresta, por menor que seja, você decide: ou entra ou volta pro escuro.

Eu entrei.

Voltei a estudar com atraso, com vergonha, com medo — mas com uma vontade que eu nunca tinha sentido antes. Em salas cheias, entre muitos que também tentavam, poucos resistiram até o fim.

Eu resisti.

E continuei.

São Paulo, a mesma que me derrubou, também me levantou. Vieram as formações, os diplomas, as conquistas. Cada uma delas era mais do que papel — era resposta. Era prova de que o menino dos pés descalços não tinha ficado preso na poeira.

Mas ainda faltava algo.

Foi no silêncio da pandemia que eu entendi.

Voltei aos livros — só que dessa vez não como quem foge, mas como quem procura. E no meio das páginas, encontrei uma inquietação nova: não bastava ler.

Eu precisava contar.

Peguei uma caneta simples, daquelas que não falham — como eu não podia mais falhar — e comecei. Sem técnica, sem certeza, só com verdade.

Escrevi sobre fome.

Sobre queda.

Sobre erro.

Sobre recomeço.

Escrevi até me encontrar.

E foi assim, quase sem perceber, que eu me tornei escritor.

Hoje, meus livros não são apenas histórias — são testemunhos. E vê-los ocupando espaço na biblioteca local não é vaidade.

É pertencimento.

É entender que aquele menino que achava que o mundo não era para ele, agora faz parte da história que antes só assistia de longe.

Porque ler me abriu portas.

Criar me deu voz.

E pertencer... me deu lugar.

Essa não é só a minha história.

É a história de quem veio da falta, atravessou a dor e decidiu não parar. De quem entendeu, mesmo tarde — ou talvez exatamente na hora certa — que a palavra também é caminho.

E que, às vezes, a maior vitória não é chegar.

É não desaparecer no meio do caminho.

Ronivon Nunes do Nascimento